

Recuo dos EUA já

Síndia Ext

QUINTA-FEIRA — 3 DE OUTUBRO DE 1985

preocupa europeus

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Às vésperas da abertura das assembleias do FMI e do Banco Mundial em Seul, os meios financeiros europeus mostravam-se ontem agitados e não escondiam certa preocupação com a confirmação de que os Estados Unidos se preparam para modificar sua posição em relação à dívida dos países em desenvolvimento procurando tornar mais flexíveis as condições até agora impostas pelo Fundo Monetário.

Uma das saídas seria tornar menos rígidas as políticas de austeridade exigidas criando facilidades para o crescimento econômico desses países. As primeiras informações sobre a nova estratégia do governo norte-americano foram reveladas na semana passada por um importante assessor de Ronald Reagan de passagem por Paris, tendo sido confirmadas logo em seguida pelo secretário de Estado George Shultz, em Nova York, após seu encontro com o presidente José Sarney.

Segundo as informações que circulavam ontem em Paris junto a áreas bancárias, após a baixa do dólar facilitada pelos EUA — ainda ontem ela se acentuou na Europa — os norte-americanos também se mostram favoráveis à maior abertura em matéria de novos créditos aos países em desenvolvimento. Em Seul, na Coreia, os ministros de Finanças dos cinco países mais ricos do mundo poderão voltar a se reunir para analisar a mais recente evolução do dólar nos mercados mundiais.

Como se sabe, a decisão de promover uma queda do dólar foi adotada por consenso, após uma reunião nos EUA dos cinco ministros dos países desenvolvidos. Até agora o objetivo está sendo alcançado sem que medidas importantes tenham sido adotadas. A queda tem sido provocada mais pelo efeito psicológico do que determinada por intervenções maciças dos bancos centrais. É possível que em Seul os cinco anunciem algumas medidas concretas nesse sentido.

O encontro de terça-feira última entre o secretário do Tesouro, James Baker, com os dirigentes dos nove principais bancos norte-americanos, exortando-os a uma posição mais liberal, confirmou, na prática, a intenção norte-americana de mudar seu comportamento em relação à dívida dos países latino-americanos. A própria queda do dólar já fovece, em parte, os países latino-americanos endividados, reduzindo a carga de



Arquivo

Shultz confirmou que os EUA podem mudar a estratégia

suas respectivas dívidas. As autoridades norte-americanas e européias pretendem agir de forma concertada e mais eficaz diante da crise que atinge esses países, pois depois de uma fase relativamente calma a situação parece ter-se agravado e hoje é novamente considerada crítica.

O México, até então considerado como o bom aluno do FMI, foi o país que deu o alarme em primeiro lugar. A tragédia que esse país conheceu recentemente talvez tenha contribuído para que os EUA antecipassem a sua nova estratégia, inflando para que o país pudesse obter novo *sursis* dos bancos internacionais que ampliaram por mais seis meses o prazo para o pagamento de uma parcela de US\$ 950 milhões de sua dívida com vencimento previsto para o próximo dia 5. Hoje existe crença generalizada entre os principais atores — credores e devedores — de que novas fórmulas e artifícios devem ser encontrados para se evitar a falência do sistema monetário internacional. Os EUA, até então os mais reticentes, parecem ter também chegado a essa conclusão. Anteriormente, a França e outros países europeus já vinham pedindo o estudo de fórmulas novas que permitissem encontrar uma saída para o impasse.

Em sua conversa na semana passada em Paris, Constantine Menges, assessor especial do presidente Reagan, afirmava que uma fórmula envolvendo créditos privados e públicos vinha sendo estudada. Tudo indica que se trata da já testada quando do empréstimo de US\$ 1,1 bilhão ao Chile e que está sendo estudada para o México. Dos 700 bancos envolvidos apenas uma centena, responsável por 80% da dívida comercial do país, permaneceria no esquema. Os futuros créditos seriam co-financiados pelo Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Além disso, é bem provável que os EUA e o FMI autorizem um empréstimo de urgência ao México para poder enfrentar a situação extremamente delicada e provocada pelo tremor de terra do mês passado. Um novo acordo com o FMI será também negociado pelo México, mas esse país, como o Brasil, Perú e outros endividados, se mostra cada vez mais reticente em adotar planos de excessiva austeridade, acreditando que sua população também atingiu o ponto máximo em matéria de sacrifício, isto é, o limite do suportável. A resposta definitiva será dada nos próximos dias da reunião do FMI em Seul.